

Artigos de revisão

Jovens autistas e a transição para a vida adulta: uma revisão sistemática da literatura nacional e internacional

Young people with autism and the transition to adulthood: a systematic review of national and international literature

Camila Siqueira Rodrigues Pellizzer^{1,2*} , Patrícia Giuriatti¹ , Carla Beatris Valentini¹ , Cláudia Alquati Bisol¹

¹Universidade de Caxias do Sul (UCS), Programa de Pós-graduação em Educação, Caxias do Sul, RS, Brasil

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Caxias do Sul, RS, Brasil

COMO CITAR: PELLIZZER, C. S. R. et al. Jovens autistas e a transição para a vida adulta: uma revisão sistemática da literatura nacional e internacional. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 21, e20323, 2026. eISSN: 19825587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v21i00.2032301>

Resumo

Este estudo objetivou identificar e analisar contribuições de publicações científicas nacionais e internacionais para situar os principais aspectos relativos à transição de jovens autistas para a vida adulta. De caráter bibliográfico e exploratório, a revisão sistemática da literatura foi realizada nos repositórios da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Neste último, foram selecionados artigos nacionais e internacionais, entre 2019 e 2024. As publicações evidenciaram a importância de orientar os jovens autistas e as suas famílias sobre os direitos legais, apontando para a problemática da acessibilidade. Sugerem, assim, estratégias de suporte, como o planejamento antecipado e a comunicação clara sobre a transição, adaptada às necessidades do indivíduo autista, além do envolvimento da família e de profissionais para fornecer suporte emocional e ajuda na adaptação e articulação com as instituições de ensino como elementos-chave durante o processo de transição.

Palavras-chave: autismo; jovem autista; planejamento de transição; transição para a vida adulta.

Abstract

This study aims to identify and analyze the contributions of national and international scientific publications in order to outline the main aspects related to the transition of autistic youth into adulthood. Of a bibliographic and exploratory nature, a systematic literature review was conducted using the repositories of the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations and the CAPES Journal Portal (maintained by the Brazilian Federal Agency for Support and Evaluation of Graduate Education), covering national and international articles published between 2019 and 2024. The publications highlight the importance of guiding autistic youth and their families regarding their legal rights and emphasize the challenges related to accessibility. They also point to support strategies, such as early planning and clear communication about the transition, tailored to the specific needs of the autistic individual, as well as the involvement of family members and professionals to provide emotional support, assist with adaptation, and articulate efforts with educational institutions as key elements throughout the transition process.

Keywords: autism; autistic youth; transition planning; transition to adulthood.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), conforme o DSM-5 (American Psychiatric Association, 2023, p. 60), é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento “[...] caracterizado por um prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social, bem como por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades”.

Para o diagnóstico precoce do autismo, existe um protocolo que identifica características específicas que devem ser avaliadas. No entanto, é importante reconhecer que cada pessoa autista é única e apresenta suas próprias particularidades, que podem diferir daquelas tipicamente associadas ao espectro, assim, é essencial respeitar a individualidade de cada pessoa autista.

*Autor correspondente:

csrpellizzer@ucs.br

Submetido: Junho 06, 2025

Revisado: Outubro 17, 2025

Aprovado: Dezembro 16, 2025

Fonte de financiamento:
CNPq: 306418/2022-3.

Conflitos de interesse:

Não há conflitos de interesse.

Aprovação do comitê de ética:

Não se aplica.

Disponibilidade de dados: Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do artigo.

Trabalho realizado na Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, RS, Brasil.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Souza (2019) ressalta que, embora seja possível classificar o TEA em conjuntos de sintomas, a forma como eles se manifestam em cada indivíduo é bastante distinta.

Contemporaneamente, discute-se acerca do autismo para além das classificações do DSM, sobretudo quando se recorre à literatura envolvendo a autorrepresentação, ou seja, quando os próprios autistas falam sobre a sua forma de existência no mundo e tensionam o aprisionamento causado pelos rótulos (Grandin, 2024).

Ainda que o diagnóstico ocorra predominantemente na infância e se iniciem as intervenções terapêuticas, na juventude, acentuam-se ainda mais os comportamentos diferenciados e interpretações equivocadas a respeito de como indivíduos autistas são percebidos pela sociedade. É comum o uso de expressões como “comportamentos autistas”, como se tais comportamentos não fossem tipicamente humanos (Barry; Meyer, 2023) ou desconsiderando que a diferença é inerente a toda e qualquer pessoa.

Para fins deste estudo, focar-se-á a atenção ao público jovem. Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde, Organização Mundial da Saúde - OPS/OMS (Organização Pan-Americana da Saúde, 2007), juventude é uma categoria sociológica que representa um momento de preparação de sujeitos - jovens - para assumirem o papel de adultos na sociedade, abrangendo o período dos 15 aos 24 anos de idade.

Vivenciar a independência, ampliar a autonomia e protagonizar a própria vida são ações que desafiam a existência de jovens deficientes. Como dito anteriormente, esse período se complexifica para o jovem autista, pois é uma fase intermédia entre a vida infantil e a vida adulta, marcada socialmente por dificuldades intrínsecas ao período. Segundo estudos de Serbai e Priotto (2021), essa complexificação está associada às alterações comportamentais e emocionais, declínio ou fragilização na linguagem, na sociabilidade e na comunicação.

Cabe ressaltar que tais questões se intensificam na juventude e podem apresentar diferenças dependendo das condições e situações concretas que o meio proporcionou ao longo da trajetória de vida de cada sujeito, ou seja, autonomia, independência e protagonismo não são competências conquistadas exclusivamente com o avanço da idade cronológica, ao contrário, estão intimamente relacionados às vivências e situações concretas experimentadas desde a infância, sobretudo se no âmbito da educação formal (escola) e não formal (espaços sociais e familiares), as oportunidades para esse desenvolvimento não foram oferecidas.

Além disso, o modo como o jovem autista é percebido pelo meio social pode limitá-lo à condição de sujeito com transtorno, fixando-o na incapacidade, ou pode criar condições para sua participação nas decisões acerca da própria vida quando é respeitado em sua neurodiferença.

Redig (2024) afirma que por muito tempo as pessoas com deficiência não tiveram participação ativa em sua própria história de vida, principalmente se focar o indivíduo com deficiência intelectual e/ou TEA, pois eles “caminhavam sem lenço e sem documento”. Segundo a autora,

Discutir o processo de transição educacional ou de qualquer outra etapa do desenvolvimento humano para a constituição da vida independente é importante para que essas pessoas possam caminhar sabendo para onde vão, como irão e o motivo de estarem indo. Isso é fundamental no movimento de constituição da identidade do sujeito como um ser produtivo de direitos, deveres e para uma sociedade composta de diversidade e igualdade. (Redig, 2024, p. 1).

Dessa maneira, o processo de transição para a vida adulta de indivíduos autistas requer planejamento com metas claras, estratégias que considerem as suas dificuldades, as fragilidades, os interesses, as habilidades, além do conhecimento sobre direitos legais e serviços disponíveis para um percurso formativo bem-sucedido.

Platos e Pisula (2019) afirmam que, apesar do número crescente de adolescentes e adultos diagnosticados com TEA, pouco se sabe sobre as necessidades de serviços e barreiras de acesso a eles entre esse grupo social. O Censo demográfico de 2022 trouxe, pela primeira vez, informações sobre autismo e identificou 2,4 milhões de pessoas com diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA), o que corresponde a 1,2% da população brasileira (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022). A prevalência foi maior entre os homens (1,5%) do que entre as mulheres (0,9%); 1,4 milhões de homens e 1 milhão de mulheres foram diagnosticados com autismo por algum profissional de saúde.

Outra informação relevante é que as pesquisas existentes mostram que jovens autistas são mal atendidos à medida que se aproximam do final do Ensino Médio e que os serviços adequados após a transição para a idade adulta são ainda mais escassos (Platos; Pisula, 2019; Freitas; Brito; Martins, 2020). Considerando a insuficiência de oportunidades após o Ensino Médio, torna-se relevante identificar os serviços e atividades disponíveis, bem como as lacunas de ofertas apontadas por pesquisas realizadas em âmbito nacional e internacional.

Nessa perspectiva, esta revisão da literatura tem como objetivo identificar e analisar contribuições de publicações científicas nacionais e internacionais a fim de situar os principais aspectos relativos à transição de jovens autistas para a vida adulta, tendo como ponto de referência os estudos publicados nos últimos seis anos.

MÉTODO

Este estudo, de caráter bibliográfico e exploratório, empregou uma revisão sistemática da literatura (RSL) como método que permite otimizar a busca por resultados, organizar a construção de dados de forma eficiente e possibilitar a identificação de lacunas nas pesquisas existentes sobre a temática de interesse, sugerindo novos caminhos a partir dos resultados encontrados.

Esse método contribui para mitigar a tendência de supervalorizar estudos que confirmam hipóteses iniciais, minimizando, assim, perspectivas específicas, como apontado por Costa e Zoltowski (2014).

Para essa revisão de literatura, adotou-se a perspectiva de Costa e Zoltowski (2014) que considera oito etapas a serem analisadas: delimitação da pesquisa; escolha das fontes de dados; eleição das palavras-chave; busca e armazenamento dos resultados; seleção de artigos pelo resumo, de acordo com critérios de inclusão e exclusão; extração dos dados dos artigos selecionados; e avaliação dos artigos.

Dessa forma, de início, delimitou-se o tema principal, a população e o período de vida, a saber: autismo e o jovem autista em fase de transição para a vida adulta. Nesse sentido, o problema de pesquisa constituiu-se em: Quais as contribuições de publicações científicas nacionais e internacionais, dos últimos seis anos, relativas à transição de jovens autistas para a vida adulta?

Como bases de dados foram utilizadas a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que reúnem periódicos e bases de dados nacionais e internacionais.

O período de seleção das produções acadêmicas encontra-se entre os anos de 2019 e 2024. Já a seleção das palavras-chave em Língua Portuguesa contemplou os seguintes termos: Transtorno do Espectro Autista *and* juventude *and* adolescente *and* vida adulta *and* educação. Em Língua Inglesa, foi utilizada uma combinação¹ das seguintes palavras: *Autism spectrum disorder and youth and adolescents and transition to adulthood e and Education*.

Foram adotados como critérios de inclusão artigos publicados entre 2019 e 2024, que contivessem as palavras-chave previamente mencionadas. Os critérios de exclusão incluíram: indisponibilidade do texto completo, duplicidade de artigos e ausência de relação com a temática abordada.

RESULTADOS

Os resultados quantitativos, incluindo as etapas de busca e armazenamento dos resultados, seleção de artigos pelo resumo, de acordo com critérios de inclusão e exclusão, extração dos dados dos artigos selecionados e sua avaliação estão apresentados na Tabela 1:

Como pode ser visto na Tabela 1, das produções encontradas (artigos, dissertações e teses) no processo de busca, após a aplicação dos critérios de inclusão (busca pelas palavras-chave e período de seleção), foram identificados 234 artigos. Em seguida, após a leitura dos resumos, aplicaram-se os critérios de exclusão, eliminando artigos repetidos, não relacionados ao tema (jovens autistas em transição para a vida adulta) e não disponíveis na íntegra. Assim, foram identificadas 24 produções elegíveis para análise final.

¹ Os operadores *booleanos AND* e *OR* são ferramentas importantes no processo de pesquisa. Para a revisão da literatura a que este estudo se destina, valeu-se do operador “AND”, ou seja, delimitaram-se, no sistema de busca das bases de dados elegidas para o estudo, somente os resultados que continham todas as palavras-chave.

Tabela 1. Etapas de seleção de acordo com RSL.

Etapas		Total
Fonte de Dados	BDTD E CAPES	Não se aplica
Palavras-chave	Língua Portuguesa: Transtorno do Espectro Autista; juventude; adolescente; vida adulta educação. Em Língua Inglesa: <i>Autism spectrum disorder; youth; adolescents; transition to adulthood Education.</i>	234
Critérios de inclusão	Período de 2019 a 2024 e palavras-chave citadas acima	92
Critérios de exclusão	Artigos não disponíveis na íntegra, artigos repetidos, artigos não relacionados à temática	51
Artigos selecionados após extração e armazenamento dos dados	Leitura dos resumos e seleção dos trabalhos relacionados à temática	41
Avaliação dos artigos	Leitura na íntegra dos artigos e incluídos na revisão como categorias	24

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Tabela 2. Produções Nacionais (BDTD e CAPES 2019-2024).

Base de Dados	Título	Autores	País	Ano
BDTD	As experiências de trabalho para pessoas com autismo em Fortaleza: diálogo interdisciplinar entre o biológico e o social	Marcelo Franco e Souza	Brasil	2019
	Sexualidade no transtorno do espectro autista: perspectivas do adolescente, de sua mãe e de seu pai	Victor de Barros Malerba	Brasil	2020
	Ensino de habilidades sociais no Transtorno do Espectro Autista na adolescência e vida adulta: uma revisão de estudos em análise do comportamento	Thiago Barbosa Gusmão	Brasil	2023
CAPES	Autismo, Narrativas Maternas e Ativismo dos Anos 1970 a 2008	Bruna Alves Lopes	Brasil	2020
	Adolescentes com Transtorno do Espectro Autista: singularidades do desenvolvimento psicossocial	Amanda Pereira Risso Saad et al.	Brasil	2020
	Os Desafios de pessoas com Transtorno do Espectro Autista na vida adulta: uma revisão integrativa	Gabriela Ferreira Ribeiro et al.	Brasil	2023

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

A partir das produções selecionadas para a revisão da literatura, foram construídas duas tabelas com informações relevantes como *base de dados, título, autores, país e ano de publicação*. A Tabela 2 refere-se às produções nacionais (BDTD e Capes Nacional) e a Tabela 3 refere-se às produções internacionais (CAPES Internacional).

A Tabela 2 apresenta as seis produções relacionadas ao tema do jovem e sua transição para a vida adulta, sendo três dissertações, encontradas na BDTD, e três artigos, publicados na CAPES. Na Tabela 3, são apresentadas as dezoito publicações internacionais consideradas pertinentes à busca na base de dados da CAPES, com as seguintes informações: *Título; autores; país; e ano*.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados nas Tabelas 2 e 3 indicaram pesquisas e suas diversas dimensões da transição para a vida adulta relacionadas aos jovens autistas, com a maioria dos estudos concentrados no cenário internacional. Os temas que emergiram a partir da análise das pesquisas foram sistematizados em seis categorias, conforme Tabela 4, definidas com base na semelhança e complementaridade das temáticas identificadas nas produções selecionadas, proporcionando uma visão abrangente das diferentes dimensões da transição para a vida adulta.

Tabela 3. Produções Internacionais (2019-2024).

Título	Autores	País	Ano
<i>Disparities Based on Race, Ethnicity, and Socioeconomic Status Over the Transition to Adulthood Among Adolescents and Young Adults on the Autism Spectrum: a Systematic Review</i>	Jenna Sandler Eilenberg et al.	EUA	2019
<i>Service use, unmet needs, and barriers to services among adolescents and young adults with autism spectrum disorder in Poland</i>	Mateusz Platus; Ewa Pisula	Polônia	2019
<i>Who Is Going to Pay for the Wi-Fi? Exploring Adulthood from the Perspectives of Autistic Youth</i>	Anne V Kirby et al.	EUA	2019
<i>We Can See a Bright Future”: Parents’ Perceptions of the Outcomes of Participating in a Strengths-Based Program for Adolescents with Autism Spectrum Disorder</i>	Elinda Ai Lim Lee et al.	Austrália	2020
<i>Autistic Young Adults’, Parents’, and. Practitioners’ Expectations of the Transition to Adulthood</i>	Sarah L Curtiss et al.	EUA	2020
<i>Transition preparation activities among families of youth on the autism spectrum: Preliminary study using repeated assessments across a school year</i>	Kirby et al.	EUA	2020
<i>Healthcare Services During the Transitions to Adulthood Among Individuals with ASD Aged 15–25 Years Old: Stakeholders’ Perspectives</i>	Ghanouni; Seaker	Canadá	2021
<i>Advancing the Personalization of Assessment and Intervention in Autistic Adolescents and Young Adults by Targeting Self-Determination and Executive Processes</i>	Shogren et al.	EUA	2021
<i>Autistic Adolescents’ and Their Parents’ Visions for the Future: How Aligned are They?</i>	Anne V Kirby et al.	EUA	2022
<i>Stress and Coping in Autistic Young Adults</i>	Nanci Cheak Zamkunieora; OlaKunle Odunleye	EUA	2021
<i>Improving Transition to Adulthood for Students with Autism: A Randomized Controlled Trial of STEPS</i>	Susan W White et al.	EUA	2021
<i>Transition approaches for autistic young adults: A case series study</i>	Yosheen Pillay et al.	Austrália	2022
<i>Perspectives of Autistic Emerging Adults, Parents, and Practitioners on the Transition to Adulthood</i>	Heekyoung Lee et al.	EUA	2022
<i>The experience of transitioning to adulthood for young people on the autistic spectrum in the UK: a framework synthesis of current evidence using an Ecosystemic mode</i>	Rebeca J Crompton; Caroline Bond	Reino Unido	2022
<i>Current Status of Evidence-Based Practices to Enhance Employment Outcomes for Transition Age Youth and Adults on the Autism Spectrum</i>	Baker-Ericzén, M.J., ElShamy, R. & Kammes, R.R.	EUA	2022
<i>Individualized Education Programs and Transition Planning for Adolescents With Autism</i>	Michelle M Hughes et al.	EUA	2023
<i>Preliminary efficacy of a transition training program for autistic adolescents</i>	Sarah Schoen; Andrea Valdez	EUA	2023
<i>Health Conditions, Education Services, and Transition Planning for Adolescents With Autism</i>	Michelle M Hughes et al.	EUA	2024

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Na categoria 1, foram encontradas seis pesquisas relacionadas às expectativas e aos anseios dos pais em relação à transição para a vida adulta. Observa-se que, apesar do aumento da participação de jovens autistas em pesquisas qualitativas, os familiares continuam desempenhando um papel fundamental nas investigações, especialmente quando se trata de jovens que necessitam de apoio substancial ou muito substancial devido aos graves déficits nas habilidades de comunicação social e à inflexibilidade de comportamento (American Psychiatric Association, 2023).

Nas pesquisas nacionais, nos estudos de Saad et al. (2020), os pais de jovens autistas revelaram que existe um desejo por parte de seus filhos em exercerem um trabalho, mas desacreditam dessa possibilidade devido à inexistência de projetos que os preparem para a vida profissional. Esse aspecto é enfatizado por Lopes (2020), a partir da pesquisa autobiográfica com as mães e as trajetórias dos filhos.

Tabela 4. Distribuição de temáticas por território nacional e internacional (2019- 2024).

Categorias	Produções nacionais	Produções internacionais
1. Expectativas e anseios dos pais em relação à transição para a vida adulta	2	4
2. Perspectivas dos jovens sobre a transição para a vida adulta	1	5
3. Planejamento de transição para a vida adulta	-	6
4. Saúde mental	2	4
5. Habilidades sociais	1	3
6. Mundo do trabalho	1	2

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Já nas pesquisas internacionais, Curtiss et al. (2021) caracterizam as expectativas dos pais a partir de uma vida de incerteza, uma vez que eles têm preocupações em compreender o potencial, gerir as expectativas e confiar que existem outros que poderiam cuidar do seu filho. Lee et al. (2022) apontam que a transição é percebida como um período exaustivo, marcado por múltiplas tarefas e demandas psicológicas. O estudo de Kirby et al. (2022) revela que os pais tendem a imaginar seus filhos como menos independentes do que os próprios adolescentes acreditam ser, planejando oferecer mais suporte do que os jovens consideram necessário.

Apesar das dificuldades, os pais desempenham um papel central no planejamento da transição, mas, muitas vezes, não sabem como iniciar esse processo ou quais atividades realizar (Kirby et al., 2020). Frente a isso, o suporte profissional pode ser essencial para ajudá-los a construir um planejamento realista e eficaz, oferecendo orientações que aumentem sua confiança e promovam o desenvolvimento de seus filhos.

Na categoria 2, constam seis pesquisas cujos estudos investigaram as *perspectivas dos próprios jovens autistas sobre a transição para a vida adulta*. Eles apontam para a importância da autorrepresentatividade, ou seja, de escutar as vozes dos jovens autistas em relação às suas próprias vidas e experiências, reforçando o lema “Nada sobre nós, sem nós”².

Na pesquisa de Malerba (2020), destaca-se a identificação de angústias primitivas nesses jovens autistas, no entanto, ao mesmo tempo, a pesquisadora afirma que elas podem favorecer a invenção de um espaço intersubjetivo, na medida em que não preenche esse vácuo com pensamentos, preconceções ou juízos alheios.

Para os jovens autistas, o termo esperança surge nos estudos de Curtiss et al. (2021), pois esperam encontrar carreiras interessantes e alcançáveis, parceiros românticos e construir famílias, tornando-se independentes nas suas vidas futuras. Outro termo que surge em suas falas é o ingresso no Ensino Superior ou a obtenção de emprego (Hughes et al., 2023). O apoio social da família e amigos como fator de proteção também é importante (Pillay; Brownlow; March, 2022).

Kirby et al. (2019) examinaram as considerações dos jovens sobre a vida adulta e descobriram que eles se sentiam otimistas sobre seus futuros e tinham grandes aspirações acerca do que realizariam como adultos. Na mesma linha, outro estudo de Kirby et al. (2022) cita a visão de futuro desses jovens, identificando que eles pensam mais positivamente sobre seus futuros do que seus pais. Isso significa dizer que, na visão dos jovens autistas, a educação pós-secundária³ associa-se a um período de vida de maior independência pela perspectiva de um futuro emprego, da saída da casa dos familiares e da ampliação de situações de vida em comunidade.

Os estudos elencados nessa categoria, ainda, apontaram de forma evidente que os jovens autistas possuem diversas aspirações. Nesse sentido, embora as pesquisas tenham objetivos distintos, elas enfatizaram aspectos objetivos (temas como profissão, formação acadêmica, emprego entre outros) e aspectos subjetivos (relacionamentos, sentimentos, qualidade de vida) entre os participantes.

² Lema originado em 1986 na África do Sul, visa mobilizar pessoas com deficiência para reivindicarem seus direitos e buscar soluções de autoajuda para gerar renda, ou seja, “Nenhum resultado a respeito das pessoas com deficiência haverá de ser gerado sem a plena participação das próprias pessoas com deficiência” (Sasaki, 2007, p. 1).

³ O termo educação pós-secundária, identificados nos artigos internacionais, correspondem no contexto brasileiro ao ingresso no ensino superior, em nível de graduação.

A categoria 3 “Planejamento de Transição” se destaca em pesquisas internacionais, todavia é ausente nas produções nacionais. A transição é descrita como um período de grandes mudanças, múltiplas escolhas e incertezas. Em atenção a isso, para jovens autistas e suas famílias, um planejamento adequado, aliado à presença de serviços e a profissionais qualificados, é essencial a fim de minimizar impactos negativos e gerenciar riscos associados a essa fase.

Os estudos analisados destacam aspectos importantes e recorrentes relacionados ao planejamento de transição para jovens autistas, apontando práticas, desafios e fatores facilitadores desse processo. White et al. (2021) evidenciam que o programa STEPS⁴ promoveu melhorias significativas na prontidão para a transição e na adaptação ao ensino pós-secundário, com resultados sustentáveis ao longo do tempo.

Hughes et al. (2023) reforçam a importância de incluir objetivos claros em Planos Educacionais Individualizados (PEI), como metas de moradia pós-secundária, e destacam o aumento no acesso a serviços de saúde mental durante o período de transição. Kirby et al. (2020) apontam que discussões sobre o futuro, participação em atividades sociais e acesso a informações específicas são ações comuns que ampliam a percepção dos pais sobre a preparação para a transição.

Pillay, Brownlow e March (2022) mostram que o apoio familiar e social é essencial para transições bem-sucedidas, enquanto a falta de independência é um fator de risco. Crompton e Bond (2022) identificam a necessidade de maior colaboração interinstitucional e suporte individualizado no planejamento. Eles também destacam o valor de compreender as preferências de comunicação dos jovens para garantir sua inclusão efetiva, considerando dificuldades no pensamento abstrato.

Eilenberg et al. (2019) enfatizam que o planejamento de transição é multifacetado, abrangendo áreas como educação, emprego, moradia, saúde e atividades sociais, exigindo uma abordagem ampla e integrada.

A categoria 4 traz seis produções na totalidade (duas nacionais e quatro internacionais) sobre saúde mental dos jovens autistas. Vale ressaltar que o considerável aumento na prevalência de TEA nos últimos anos acaba por gerar mais demandas por atendimentos, configurando um desafio para a saúde mental infanto-juvenil (Cumim; Máder, 2020). Diferentes estudos nacionais e internacionais mostraram ainda que não é incomum a existência de outras doenças mentais comórbidas, como depressão, ansiedade, perturbações da conduta ou perturbação de hiperatividade e déficit de atenção (Lobato et al., 2023; Ribeiro et al., 2023; Ghanouni; Seaker, 2021).

Outros fatores que adoecem os jovens são as sobrecargas por preocupações relacionadas ao TEA, aumentando o risco de uma experiência negativa durante a transição para a vida adulta, levando ao distanciamento dos serviços, a crises frequentes e dificuldades em acessar o suporte disponível (King; Merrick; Le Couteur, 2020).

Outra doença presente é o estresse, pois vivenciam, devido a dificuldades em lidar com novas ou múltiplas responsabilidades, problemas específicos na escola, no trabalho, enfrentando responsabilidades financeiras e relacionamentos sociais (Cheak-Zamora; Odunleye, 2022). Nos estudos de Hughes et al. (2024), a pesquisa com os jovens autistas sobre suas condições de saúde e educacionais identifica o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade em 47% e ansiedade em 39% dos casos, sendo essas as questões mais comuns. A ansiedade foi menos comumente identificada para aqueles com deficiência intelectual do que para aqueles sem. Por fim, a análise apresentada pelos autores evidencia o surgimento de diferentes condições de saúde mental durante a transição para a vida adulta, como ansiedade, depressão e estresse, além de outros transtornos que muitas vezes não foram identificados na infância. Esse cenário ressalta a necessidade urgente de serviços de apoio adequados para esse público, frequentemente negligenciados após o período de transição.

A categoria 5 destaca o desenvolvimento de habilidades sociais. Ela é constituída por quatro pesquisas e compreende um conjunto de comportamentos, atitudes e competências que permitem às pessoas interagirem de forma eficaz e adequada em diferentes contextos sociais, considerando que, durante o período da juventude, os jovens autistas podem enfrentar desafios específicos associados às mudanças características dessa fase da vida. Nos estudos de Gusmão (2023), a população autista é a que talvez mais precise de intervenções terapêuticas voltadas para o treino de habilidades sociais devidos aos desafios encontrados:

⁴ Programa de treinamento chamado *Stepped Transition in Education Program for Students with ASD (STEPS)* direcionado para jovens autistas e familiares no período de transição.

O aumento da prevalência do TEA e o amadurecimento da população infantil, que tem sido foco principal de intervenções, têm gerado uma demanda crescente por serviços adequados para a população de adolescentes e adultos com o transtorno, com o objetivo de proporcionar a estes melhor qualidade de vida. Assim, um desafio permanente para pais, profissionais e adultos com autismo se baseia neste contraponto entre um potencial de adolescentes e adultos com TEA e a falta de serviços que possibilitem a eles uma vida integrada e produtiva. (Gusmão, 2023, p. 15).

As pesquisas internacionais indicam programas de treinamento que podem contribuir no período de transição para a vida adulta. Entre as atividades estão preenchimento de questionários, encontros em forma de oficinas, palestras para os jovens e seus familiares, a exemplo dos estudos de Lee et al. (2020), que exploram o foco em alavancar as habilidades, as capacidades e os interesses especiais de alunos. O programa CoderDojo⁵, por exemplo, impactou positivamente o senso de pertencimento, a confiança, a autoestima, a saúde, o bem-estar, os relacionamentos, as interações sociais e as atividades.

Outro programa que buscou promover habilidades interpessoais essenciais para a atuação em um ambiente de trabalho é o FUSE⁶. Por meio dele, os jovens relataram ganhos em medidas de autovalorização, e os pais perceberam comportamentos relacionados à produtividade, persistência, cooperação, comunicação, responsabilidade e confiabilidade (Schoen; Valdez, 2023).

Na pesquisa teórica de Shogren et al. (2021), os pesquisadores abordaram como adolescentes e jovens adultos autistas podem se beneficiar de apoios para autodeterminação e processos executivos, como controle inibitório (manter a atenção em algo mesmo que haja distrações) e flexibilidade cognitiva (mudar ações com base em qual meta uma pessoa está trabalhando).

Esses estudos indicaram que intervenções centradas na pessoa ou em grupos, focadas nos pontos fortes e interesses dos jovens autistas, são eficazes para aumentar autonomia e confiança na transição para a vida adulta.

O quantitativo de adultos no TEA aumentou significativamente nas últimas décadas, com a atenção raramente focada no EA, além da adolescência. À medida que a prevalência do EA aumenta, também cresce o número de adultos autistas que procuram entrar no mercado de trabalho (Baker-Ericzén et al., 2022).

A última categoria abordada nesta revisão da literatura é a que contempla a temática do mundo do trabalho, na qual surgiram três pesquisas relacionadas. Observou-se que o período de transição para a vida adulta preocupa diretamente os jovens em relação à sua independência financeira, independentemente de sua condição social ou de saúde.

Nas pesquisas nacionais, Souza (2019) investigou a relação de jovens com o mundo do trabalho, revelando, por meio de histórias de vida, que muitos enfrentam desemprego, subemprego e dificuldades significativas para acessar o emprego formal.

No intuito de contribuir para os processos de inserção no mundo do trabalho, propostas interventivas vêm sendo disponibilizadas na literatura. Nessa perspectiva, Schoen e Valdez (2023) apresentaram em seus estudos, partir de um projeto piloto chamado FUSE, como já mencionado em outra temática desta revisão, um método viável e potencialmente eficaz para desenvolver habilidades pré-emprego em jovens autistas. Os dados sugerem que a programação teve uma influência positiva no desenvolvimento de habilidades de trabalho, segurança de ferramentas e comportamento/discurso orgulhoso. Ainda que os jovens autistas apresentem resultados de transição ruins na área de emprego, há uma necessidade de serviços direcionados ao emprego para adolescentes e jovens autistas.

Em outro estudo, as contribuições, a partir de uma revisão da literatura proposta por Baker-Ericzén, Elshamy e Kammes (2022), avaliaram programas baseados em práticas inspiradas em evidências existentes e sistemas de suporte comunitário que existem para melhorar os resultados de emprego para jovens autistas em idade de transição. Nesse sentido, uma

⁵ Por meio do programa CoderDojo, a AASQA é uma iniciativa socialmente inclusiva orientada a apoiar alunos autistas com idades entre 12 e 18 anos no desenvolvimento de seus interesses especiais em Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática.

⁶ O Projeto FUSE, programa de intervenção *Fostering Unlimited Success and Empowerment*, foi uma colaboração entre duas organizações, projetada para desenvolver habilidades no local de trabalho, ao mesmo tempo em que abordava o processamento sensorial, a regulação da excitação e o estabelecimento de relacionamentos produtivos.

atualização é fornecida sobre o status atual desses programas e o impacto que eles estão tendo nos resultados de emprego para essa população

Vale destacar que, no Brasil, alguns programas de transição estão sendo desenvolvidos, como o Plano Individualizado de Transição (PIT) para alunos com deficiência:

Documento para organizar o processo de transição do aluno com deficiência da escola para a vida adulta e/ou mundo do trabalho, vida independente, sendo um dos eixos do PEI [Plano Educacional Individualizado]. Desta forma, esse processo será organizado por uma equipe, a mesma do PEI, incluindo, obrigatoriamente, o aluno. (Redig, 2024, p. 6).

Observa-se que articular as instituições de ensino como elementos-chave durante o processo de transição é fundamental. Desse modo, elas devem atuar como parceiras no desenvolvimento do currículo, além de estar mais atentas e capacitadas para promover oportunidades de trabalho e experiências laborais para os jovens.

CONCLUSÃO

Com base na problemática proposta, foi possível identificar as contribuições das publicações científicas nacionais e internacionais, dos últimos seis anos, relativas à transição de jovens autistas para a vida adulta, além de alcançar os objetivos estabelecidos para esta investigação. A análise do material levantado revelou um quantitativo expressivo e relevante de estudos que abordam diferentes aspectos do processo de transição, evidenciando avanços significativos no campo.

As contribuições encontradas permitiram situar os principais temas e desafios enfrentados por jovens autistas nesse percurso, demonstrando que a pesquisa cumpriu seu propósito ao reunir e analisar achados científicos recentes sobre o tema.

Por meio desta revisão sistemática da literatura, constatou-se que, nos últimos seis anos, o número de publicações nas fontes de dados selecionadas evidenciou uma lacuna significativa na pesquisa sobre a transição para a vida adulta de pessoas autistas no Brasil, especialmente quando comparado com os estudos internacionais. Os estudos nacionais dão maior ênfase às expectativas dos pais e à saúde mental dos jovens autistas, enquanto os internacionais destacam a perspectiva dos próprios jovens e o planejamento da transição.

Termos como “planejamento centrado na pessoa” aparecem apenas em pesquisas estrangeiras. Já no Brasil, ainda há pouca discussão sobre educação, emprego e apoio social nesse contexto, evidenciando uma lacuna nas pesquisas e possivelmente nas ações sociais e educativas.

A construção de uma sociedade inclusiva exige políticas afirmativas que ampliem serviços e oportunidades, considerando que a adaptação social dos jovens requer o desenvolvimento de habilidades e um compromisso com a acessibilidade, que vai além do acesso físico, incluindo barreiras sociais, atitudinais e comunicacionais.

Em geral, as pesquisas sugerem estratégias de suporte como o planejamento antecipado para a transição para a vida adulta, a comunicação clara sobre a transição, adaptada às necessidades do indivíduo autista, envolvimento da família e dos profissionais para fornecer suporte emocional e ajudar na adaptação.

Neste sentido, as instituições de ensino devem atuar como parceiras na transição, oferecendo oportunidades de trabalho e experiências laborais. Entende-se que tais ações devem partir da crença na potencialidade humana.

Garantir o direito ao trabalho exige mudanças estruturais em uma sociedade ainda marcada pelo capacitismo, que vê a deficiência sob a ótica da falta e da impossibilidade, enquanto a compreensão sobre a neurodiversidade ou a neurodivergência se constitui em uma valorização da existência de diferentes tipos de mentes humanas e de experiências de vida. Pensar o jovem autista implica reconhecer essas existências distintas e contextualizadas na própria vida e no seu viver.

Como recomendação para estudos futuros, é importante concentrar-se na inclusão social desses jovens autistas, promovendo a construção de conhecimentos com eles que possibilitem a vida em sociedade e o desenvolvimento da autonomia e independência. Apesar das peculiaridades dos diversos grupos de jovens autistas, com diferentes níveis de suporte e comorbidades associadas, uma compreensão mais clara dessas singularidades permitirá a estruturação de programas de intervenção mais precisos, facilitando a transição para a vida adulta.

Por último, e não menos relevante, observou-se que muitos estudos reforçam a importância de ouvir mais os jovens no centro das pesquisas, apontando acerca da relevância de sua participação como sujeitos das pesquisas, e não apenas como mero objeto de investigação. Nessa perspectiva, deve-se considerar a autorrepresentatividade, que traz para o centro do debate, da pesquisa e da produção do conhecimento o que esses jovens pensam, o que sentem e como agem, uma vez que a autonomia, a independência e o protagonismo do jovem autista é uma ação do plano individual que acontece na fronteira do/com o plano social.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento a CAPES (bolsa doutoramento), ao IFRS pelo incentivo a licença capacitação para os estudos, ao CNPq (bolsa produtividade), a UCS (pelas horas de pesquisa e incentivo à capacitação).

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2023.
- BAKER-ERICZÉN, M. J.; ELSHAMY, R.; KAMMES, R. R. Current status of evidence-based practices to enhance employment outcomes for transition age youth and adults on the autism spectrum. **Current Psychiatry Reports**, Berlin, v. 24, n. 3, p. 161-170, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11920-022-01327-2>. PMID:35192114.
- BARRY, M. P.; MEYER, T. F. **Humano à sua maneira**: um novo olhar sobre o autismo. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2023.
- CHEAK-ZAMORA, N.; ODUNLEYE, O. Stress and coping in autistic young adults. **Autism in Adulthood: Challenges and Management**, New Rochelle, v. 4, n. 3, p. 193-202, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1089/aut.2021.0043>. PMID:36606158.
- COSTA, A. B.; ZOLTOWSKI, A. P. C. Como escrever um artigo de revisão sistemática. In: KOLLER, S. H.; DE PAULA COUTO, M. C. P.; HOHENDORFF, J. V. (org.). **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 53-67. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Angelo_Costa3/publication/323255862_Como_escrever_um_artigo_de_revisao_o_sistematica/links/5aee454aa6fdcc8508b80fee/Como-escrever-um-artigo-de-revisao-sistematica.pdf. Acesso em: 25 maio 2024.
- CUMIM, J.; MÁDER, B. J. Espaço que a criança e adolescente com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista ocupa na rede de atenção psicossocial: revisão integrativa da literatura. **Psicologia Revista**, Perdizes, v. 29, n. 2, p. 404-421, 2020. DOI: <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2020v29i2p404-421>.
- CURTISS, S. L. *et al.* Autistic young adults', parents', and practitioners' expectations of the transition to adulthood. **Career Development and Transition for Exceptional Individuals**, Thousand Oaks, v. 44, n. 3, p. 174-185, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/2165143420967662>.
- CROMPTON, R. J.; BOND, C. The experience of transitioning to adulthood for young people on the autistic spectrum in the UK: a framework synthesis of current evidence using an Ecosystemic model. **Journal of Research in Special Educational Needs**, Tamworth, v. 22, n. 4, p. 309-322, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1111/1471-3802.12569>.
- EILENBERG, J. S. *et al.* Disparities based on race, ethnicity, and socioeconomic status over the transition to adulthood among adolescents and young adults on the autism spectrum: A systematic review. **Current Psychiatry Reports**, Berlin, v. 21, n. 5, p. 32, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11920-019-1016-1>. PMID:30903399.
- FREITAS, C. D. S.; BRITO, H. P.; MARTINS, C. S. R. Expectativas e dificuldades de ingresso ao ensino médio por aluno com transtorno do espectro autista-TEA: percepções de um pai. In: VII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, 6., 2020, Maceió. **Anais [...]**. Maceió: Centro Cultural de Exposição Ruth Cardoso, 2020.
- GHANOUNI, P.; SEAKER, L. Healthcare services during the transitions to adulthood among individuals with ASD aged 15-25 years old: stakeholders' perspectives. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, Berlin, v. 52, n. 6, p. 2575-2588, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-021-05159-6>. PMID:34216328.
- GRANDIN, T. **O cérebro autista**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2024.
- GUSMÃO, T. B. **Ensino de habilidades sociais no Transtorno do Espectro Autista na adolescência e vida adulta**: uma revisão de estudos em análise do comportamento. 2023. 72 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.
- HUGHES, M. M. *et al.* Individualized education programs and transition planning for adolescents with autism. **Pediatrics**, Itasca, v. 152, n. 1, p. e2022060199, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1542/peds.2022-060199>. PMID:37345494.
- HUGHES, M. M. *et al.* Health conditions, education services, and transition planning for adolescents with autism. **Pediatrics**, Itasca, v. 153, n. 4, p. e2023063672, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1542/peds.2023-063672>. PMID:38501189.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/sobre/conhecendo-o-brasil.html>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- KING, C.; MERRICK, H.; LE COUTEUR, A. How should we support young people with ASD and mental health problems as they navigate the transition to adult life including access to adult healthcare services. **Epidemiology and Psychiatric Sciences**, Cambridge, v. 29, p. e90, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1017/S2045796019000830>. PMID:31915102.

KIRBY, A. V. *et al.* "Who is going to pay for the Wi-Fi?" Exploring adulthood from the perspectives of autistic youth. **Autism in Adulthood: Challenges and Management**, New Rochelle, v. 1, n. 1, p. 37-43, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1089/aut.2018.0008>. PMID:31768503.

KIRBY, A. V. *et al.* Transition preparation activities among families of youth on the autism spectrum: Preliminary study using repeated assessments across a school year. **PLoS One**, San Francisco, v. 15, n. 4, p. e0231551, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0231551>. PMID:32298327.

KIRBY, A. V. *et al.* Autistic adolescents' and their parents' visions for the future: how aligned are they? **Autism in Adulthood: Challenges and Management**, v. 4, n. 1, p. 32-41, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1089/aut.2020.0061>.

LEE, E. A. L. *et al.* "We Can See a Bright Future": Parents' perceptions of the outcomes of participating in a strengths-based program for adolescents with autism spectrum disorder. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, Berlin, v. 50, n. 9, p. 3179-3194, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-020-04411-9>. PMID:32076957.

LEE, H. *et al.* Perspectives of autistic emerging adults, parents, and practitioners on the transition to adulthood. **Journal of Child and Family Studies**, v. 32, n. 3, p. 938-950, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10826-022-02430-x>.

LOBATO, M. J. *et al.* A criança autista é um adulto: e agora? – Consulta de perturbação do espectro do autismo na idade de transição. **Revista Portuguesa De Psiquiatria e Saúde Mental**, Lisboa, v. 9, n. 4, p. 153-154, 2023. DOI: <https://doi.org/10.51338/rppsm.459>.

LOPES, B. A. Autismo, narrativas maternas e ativismo dos anos 1970 a 2008. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Corumbá, v. 26, n. 3, p. 511-526, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0169>.

MALERBA, V. B. **Sexualidade no Transtorno do espectro autista**: perspectivas do adolescente, de sua mãe e de seu pai. 2020. 72 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Saúde e Desenvolvimento) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.59.2020.tde-08022021-192641>.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Organização Mundial da Saúde. **Marco legal**: saúde um direitos dos adolescentes. Brasília: OPAS, 2007.

REDIG, G. A. **Documento norteador para implementação do Plano Individualizado de Transição - PIT**: Primeiros passos. Ponta Grossa: Atena, 2024.

RIBEIRO, G. F. *et al.* Os desafios de pessoas com transtorno do espectro autista na vida adulta: uma revisão integrativa. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, Umuarama, v. 27, n. 6, p. 3063-3078, 2023. DOI: <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v27i6.2023-058>.

PILLAY, Y.; BROWNLOW, C.; MARCH, S. Transition approaches for autistic young adults: A case series study. **PLoS One**, San Francisco, v. 17, n. 5, p. e0267942, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0267942>. PMID:35511878.

PLATOS, M.; PISULA, E. Service use, unmet needs, and barriers to services among adolescents and young adults with autism spectrum disorder in Poland. **BMC Health Services Research**, Berlin, v. 19, n. 1, p. 587, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12913-019-4432-3>. PMID:31429734.

SAAD, A. P. R.; BASTOS, P. R. H. O.; SOUZA, G. A. C. Adolescentes com Transtorno do Espectro Autista: singularidades do desenvolvimento psicossocial. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 33, p. 1-24, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X41858>.

SASSAKI, R. K. Nada sobre nós sem nós: da integração à inclusão. **Revista Nacional de Reabilitação**, São Paulo, v. 10, n. 57, p. 8-16, 2007.

SERBAI, F.; PRIOTTO, E. M. T. P. Autismo na adolescência uma revisão integrativa da literatura. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 37, n. 1, p. e26472, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469826472>.

SOUZA, F. M. **As experiências de trabalho para pessoas com autismo em Fortaleza**: diálogo interdisciplinar entre o biológico e o social. 2019. 90 p. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira, Redenção, 2019.

SCHOEN, S.; VALDEZ, A. Preliminary efficacy of a transition training program for adolescents with autism. **Research in Autism Spectrum Disorders**, Amsterdam, 2023. DOI: <https://doi.org/10.2139/ssrn.4438948>.

SHOGREN, K. A. *et al.* Advancing the personalization of assessment and intervention in autistic adolescents and young adults by targeting self-determination and executive processes. **Autism in Adulthood: Challenges and Management**, New Rochelle, v. 3, n. 4, p. 289-299, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1089/aut.2021.0010>. PMID:36601638.

WHITE, S. W. *et al.* Improving transition to adulthood for students with autism: A randomized controlled trial of STEPS. **Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology**, Washington, v. 50, n. 2, p. 187-201, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/15374416.2019.1669157>. PMID:31609666.

Contribuições dos autores

CSRP: Conceitualização, Coleta e análise dos dados, Escrita. PG: Conceitualização, Análise dos dados, Escrita. CBV: Administração do projeto, Captação de financiamento, Metodologia, Escrita, Revisão. CAB: Administração do projeto, Metodologia, Escrita, Revisão.

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editora Adjunta Executiva: Profa. Dra. Flavia Maria Uehara